



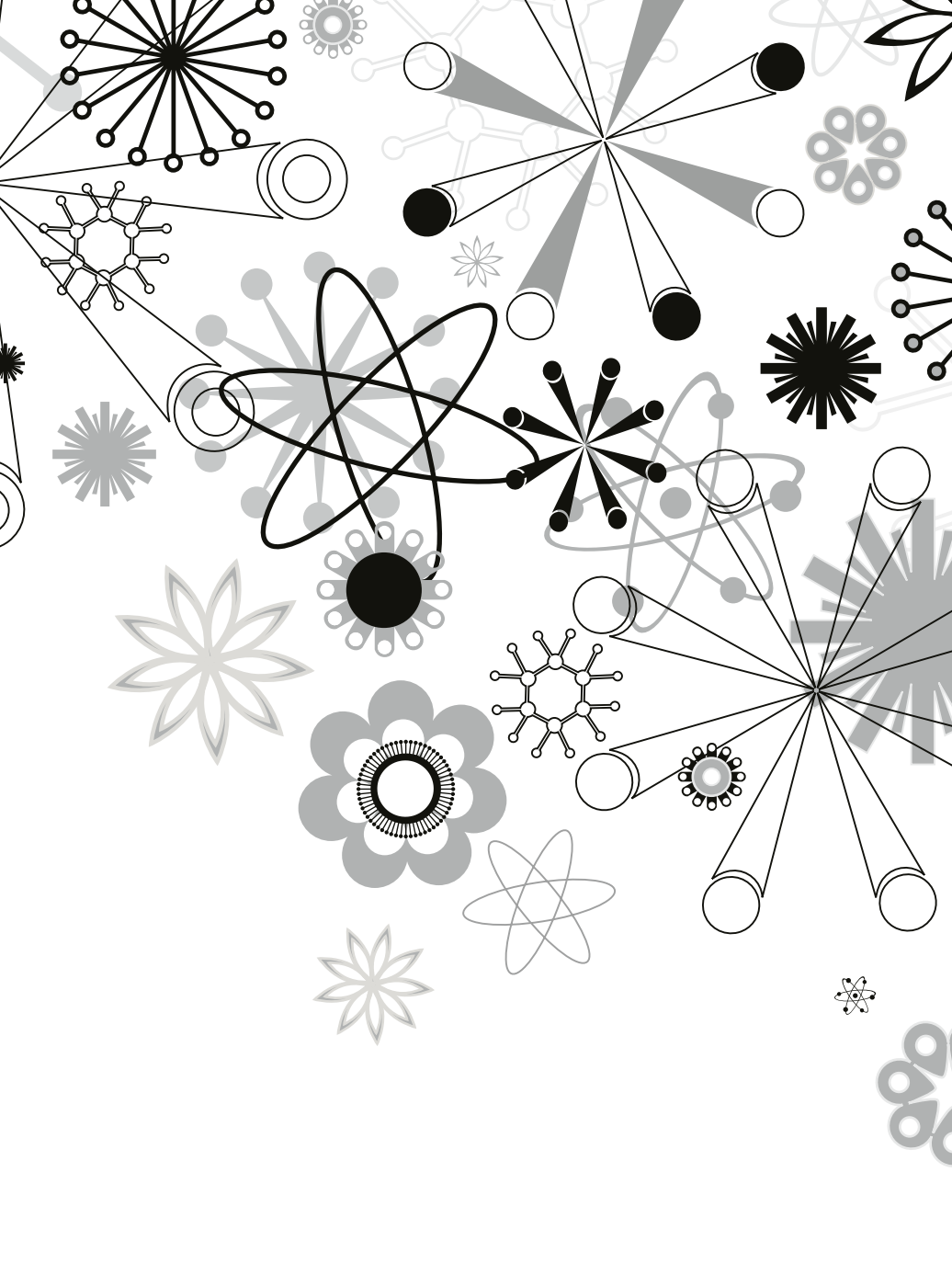




Clarice Bean,
não olhe
agora!

Lauren Child

Tradução: Isa Mara Lando





PRIMEIRA PARTE

Pensando e girando



Onde termina o infinito?

*Durante muito tempo, eu costumava deitar cedo,
mas agora eu deito tarde.*

Não consigo dormir de noite.

*Minha cabeça fica pensando e girando,
e eu começo a entrar em pânico.*

*É aí que eu ligo minha lanterna da Ruby Redfort –
que fica sempre do lado da minha cama.*

Ela parece um pedaço de madeira.

É camuflada, como todas as coisas da Ruby.

*Agora estou lendo **O MANUAL DE
SOBREVIVÊNCIA DA RUBY REDFORT –
O QUE FAZER QUANDO O SEU MAIOR MEDO SE
TORNA REALIDADE.***

*Minha avó me mandou esse livro dos Estados Unidos. Ainda
não está à venda aqui na Inglaterra.*

É um livro muito prático, cheio de ideias brilhantes.

A maioria delas inclui ficar imóvel.

Por exemplo, o que fazer se aparecer um tigre? Não se mexa, fique imóvel!

O livro inteiro ensina como escapar, fugir ou lidar com situações difíceis.

Você nem imagina como são complicadas essas situações em que a Ruby se mete. Não é muito provável que algum dia eu esteja num pântano diante de um crocodilo, mas nunca se sabe, né?

E eu sempre penso que é melhor saber de alguma coisa do que não saber.

Você não acha?



*Eu tenho muitas preocupações. Até fiz uma lista delas no meu caderno – é um caderno especial para as **piores preocupações**. É que as pessoas sempre dizem que as coisas não são tão ruins quando a gente faz uma lista.*

E depois a gente pode riscá-las quando elas são resolvidas. Até agora, ainda não risquei nada.

Quando comecei o meu Caderno das Piores Preocupações, a **PREOCUPAÇÃO nº 1** era Como impedir meu irmão Miguel de comer todos os biscoitos de chocolate enquanto eu estou na escola. Mas daí minha mãe parou de comprar biscoitos de chocolate porque, segundo ela, nossos dentes iam cair todinhos. Quer dizer, essa preocupação meio que desapareceu – mas não conta como resolvida.



Ultimamente venho tendo preocupações maiores. Por exemplo, a **PREOCUPAÇÃO nº 4**: O sentido da vida.

Por que nós estamos aqui?

Será que é só para a gente ser legal com todo mundo e se divertir?

Ou será que cada um tem que fazer alguma coisa inteligente – tipo passar num teste, algo assim.

Ouvi num programa de rádio que o espaço continua para sempre, sem parar.

O espaço não tem limites.

Eles chamam isso de infinito.

Mas o que eu quero saber é: como é possível uma coisa continuar para sempre, sem parar nunca mais?

Como é possível que uma coisa não tenha fim?

E será que eu sou apenas uma poeirinha flutuando por aí, junto com uma porção de outras poeiras, quer dizer, os planetas e as estrelas?

Onde termina o infinito?

PREOCUPAÇÃO nº 1: O infinito.

A mamãe diz: “É melhor não pensar muito nisso, porque essas coisas estão um pouco além da nossa compreensão, e, quando a gente fica muito tempo refletindo sobre isso, pode acabar se sentindo meio insignificante”.

Quer dizer, muito pequena e sem razão de ser.

Aliás, para ser sincera, eu me sinto assim muitas vezes.

Ligo para a vovó e pergunto: “Vovó, quando você pensa no infinito, você se sente pequena e sem razão de ser?”

E ela diz: “Nem um pouquinho. Eu amo o infinito. Fico até tranquila lembrando que a gente não passa de uma poeirinha, e que não tem nenhuma importância se a gente usa sapatos roxos para combinar com o casaco vermelho, ou sapatos amarelos”.

Pergunto para o vovó, e ele diz: “A última vez que estive lá, perdi meus óculos, mas de modo geral sou a favor do infinito”.

E o papai: “Tenho certeza que o infinito seria um lugar bem mais tranquilo para ler o jornal”.

Disso não tenho certeza, porque acho que no espaço sideral tem muito vento.



Mas de uma coisa eu tenho certeza: quanto mais a gente se preocupa, mais preocupações aparecem, e assim que a gente se acostuma com as coisas, elas mudam.

PREOCUPAÇÃO nº 3: As mudanças.

Parece que as coisas gostam muito de ficar mudando.

A mudança pode ser uma coisa boa para algumas pessoas, mas às vezes acontece quando a gente não quer.

Por exemplo, quando a minha antiga professora, a dona Neide, saiu da escola, e no lugar dela entrou a dona Clotilde.

Ou quando minha mãe e meu pai resolveram que não queriam ter só três filhos, mas sim quatro, e aí surgiu o Miguel.

Então eu deixei de ser a mais nova, e passei a ser a segunda mais nova – e ser a segunda mais nova é a mesma coisa que nada, não é mesmo?

Apenas a terceira de quatro, só isso.

A mamãe diz que eu vou compreender o lado bom do Miguel quando eu for um pouco mais velha.

Pergunto: “E quando foi que você percebeu o lado bom do tio Ted?”

E ela: “Quando eu saí da casa dos meus pais”.

Mas o que eu quero dizer é que a mudança pode atrapalhar a maneira como a gente se encaixa na ordem natural das coisas.

E a gente nunca sabe quando vai haver uma mudança.

Ou seja – a gente nunca sabe quando vai acontecer um desastre.

*Tem um trecho no **MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DA RUBY REDFORT** que me deixa preocupada.*

Bem no final do primeiro capítulo, a Ruby diz:

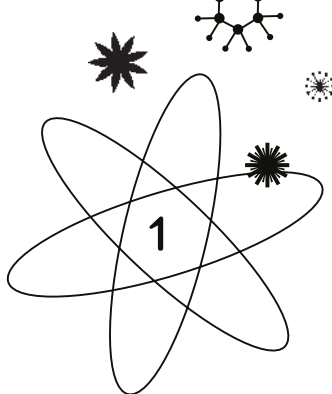
“LEMBRE-SE: aquela preocupação que nunca passou pela sua cabeça é justamente a que mais deveria te preocupar”.

Fico pensando: o que será que a Ruby quer dizer com isso?

Será que eu deveria me preocupar com tudo, já que alguma coisa pode acabar sendo a minha pior preocupação? Bom, se for assim, então preciso arranjar um caderno maior.

E penso também em como é possível impedir que a sua pior preocupação se torne realidade, se você nem sabe qual é a sua pior preocupação?

O que fazer quando um desastre acontece



Sabe, o problema todo começa porque a Márcia abre a torneira para tomar banho e, enquanto a banheira enche, ela vai falar no telefone, e daí ela esquece que deixou a torneira aberta, e está falando sem parar com sua amiga Stan – essa Stan é menina, apesar do nome, e em geral usa umas roupas masculinas.

Bom, a Márcia fala tanto com a Stan que se esquece do banho e, de repente, estou vendo televisão e percebo que está chovendo na sala, bem em cima da minha tigela de cereais.

Demoro alguns minutos para entender o que está acontecendo – até que ouço o Miguel gritando: “O tapete do quarto está todo molhado!” Vou até lá e vejo o Miguel pulando descalço no tapete, feito um maluco.

Quando a Márcia percebe o problema, começa a gritar, porque já sabe que vai sobrar para ela – e que a encrenca é grande. O vovô está cochilando e nem repara que está caindo água na poltrona dele. De repente ele acorda e diz: “Que engraçado, sonhei que eu estava na Índia, no período das monções, no meio de uma enchente”.

O que a Ruby diria é: “Quando acontece um desastre, mantenha a calma e trabalhe em equipe. Alguém tem que controlar a situação”.

Márcia começa a gritar com o Miguel: “Por que você não desligou a torneira, seu idiota?” E eu digo: “Não é culpa dele, foi você que não prestou atenção”.

O Miguel fica espantado ao ver que eu defendi ele, coisa que normalmente não faço. E a Márcia: “Grande coisa que você faz na vida, só sentada assistindo TV o dia inteiro!” E eu respondo: “Pelo menos não fui eu que deixei o vovô todo molhado. Olha que ele pode pegar uma gripe”.

E o Edu diz: “Márcia, por que você está botando a culpa em todo mundo, se foi você mesma que fez essa besteira?”

E a Márcia: “Por que você não vai telefonar para uma das suas namoradinhas idiotas?”

E ele: “Bem que eu gostaria, mas não consigo arrancar o telefone da sua orelha. Você colou com Super Bonder?” Daí a Márcia responde com umas palavras pesadas, e os dois começam a brigar feio.

Quando o papai chega em casa, faz uma cara de angústia escutando a Márcia falar muito depressa, contando os fatos que levaram ao desastre. Por fim, ele resolve acabar com o sofrimento dela e diz: “Certo, Márcia. Já compreendi, com todo esse falatório, que a casa molhou por sua causa. Mas essas coisas acontecem, e qual é a pessoa que não poderia levantar a mão e dizer ‘*Eu deixei a banheira transbordar*’. Não é mesmo?”

Tenho vontade de levantar a mão e dizer: “*Eu nunca deixei a banheira transbordar!*”, mas fico confusa: levantar a mão significa que eu deixei ou que eu não deixei? Então fico quieta.

O papai diz: “Márcia, basta você pedir desculpas e ponto-final na história”.

A Márcia diz: “Desculpa”.

E o papai: “Está bem, mas vá buscar um pano de chão”.

E todos nós começamos a enxugar o chão – até o vovô. Ele fala que isso o faz lembrar a época da marinha, quando ele tinha que limpar o convés do navio.

E o papai: “O senhor *nunca* esteve na marinha”.

E o vovô: “Ah... pois é. Tem razão, acho que eu estava pensando no filme que eu vi semana passada”.

O fato é que, quando a mamãe volta para casa, tudo está na mais perfeita ordem, sem o menor sinal da inundação.

Mas ela não demora nada para perceber que alguma coisa aconteceu. Minha mãe é assim mesmo.

Ela tem um sexto sentido para confusão.

Daí ela diz: “Então, quem vai me contar qual foi o pequeno desastre que aconteceu enquanto eu estava fora?”

Ninguém fala nada mas, estranhamente, começamos a ouvir um barulho de algo rachando, e um pó branco começa a cair em cima da gente.

Nesse momento, ouvimos um tremendo estrondo e, de repente, o teto cai no chão.

Felizmente não é o pedaço do teto logo acima de nós, do contrário seríamos todos esmagados e não sobraria ninguém com vida. A mamãe olha para o papai com os olhos apertados, o papai dá uma piscadela para a Márcia, e a Márcia morde o lábio.

Quem nós chamamos em seguida, claro, é o tio Ted.

O tio Ted chega rápido, porque está acostumado a receber telefonemas e chegar no minuto seguinte. Isso porque ele é bombeiro, uma pessoa ótima para emergências.

O papai, o Edu e o tio Ted limpam o entulho. Depois que tiram tudo, infelizmente descobrimos que a televisão já era.

Foi tudo muito interessante e fora do comum até que isso aconteceu – mas agora virou um completo desastre e uma tragédia.

É como diz a Ruby Redfort: “De repente você descobre que tem um equipamento tão essencial que você ficaria completamente perdido sem ele. Ou seja, é algo vital para a sua sobrevivência”.

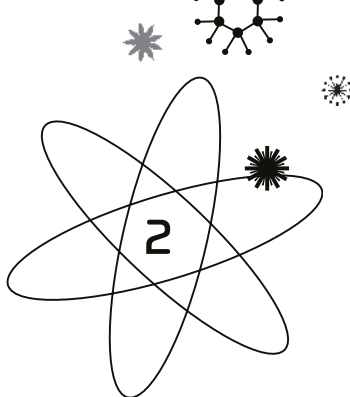
E se você descobre que o seu equipamento mais vital foi destruído, então a Ruby diz: “Você tem que improvisar ou procurar uma alternativa”.

É claro que eu aceito o conselho dela e ligo imediatamente para a Betty Morais, minha melhor amiga.

E ela diz: “Venha quando quiser”.

E eu: “Certo, apareço aí amanhã de manhã cedinho”.

Todo espião precisa de um cúmplice



Na manhã seguinte, encontro a Márcia sentada na mesa da cozinha com a Stan, amiga dela. Estão pintando as unhas uma da outra de azul – o que eu não acho nada bonito. Pergunto: “Cadê todo mundo?”

E a Márcia: “A mamãe está trabalhando, o papai não está em casa, o Edu foi para a loja, o vovô está dormindo e o Miguel está brincando com a sua lanterna da Ruby Redfort”.

“O *quéêê*? E por que você deixou?”

A Márcia dá de ombros: “Achei que você não ia ligar”.

O que é uma grande mentira, uma mentira deslavada, porque ela *sabe* muito bem que eu ia ligar, e muito.

Subo a escada correndo e encontro o Miguel tentando colar os pedaços da lanterna, usando aquela colinha que as criancinhas usam para colar papel. Essa cola não cola

nem lenço, não sei por que ele acha que vai colar uma lanterna de verdade.

Quando ele me vê, fica completamente sem graça.

E até pede desculpa, mas eu não estou com cabeça para aceitar desculpas. Lanço para ele o meu olhar mais fulminante e vou para a casa da Betty.

Por sorte, ela acaba de chegar dos Estados Unidos, onde estava passando férias com os pais, o Pode-Me-Chamar-de-Marcos e a Pode-Me-Chamar-de-Cecília. O estranho é que eles deixaram a Cecília para trás, lá nos Estados Unidos. Quando pergunto para a Betty por que, ela diz simplesmente: “Por nenhum motivo especial”. O que é muito estranho, penso eu – por que você haveria

de deixar uma pessoa da sua família
para trás, sem motivo especial?

A Betty tem TV no quarto, e nós duas ficamos simplesmente deitadas em pufes, assistindo aos programas da Ruby Redfort e conversando sobre tudo o que acontece na escola e sobre o que a gente faria se não tivesse que ir à escola.

Assim que eu chego, a Betty diz: “Ei, como você arranjou isso?”

É o meu distintivo secreto da Ruby Redfort, que tem uma mosquinha bordada. Esses distintivos são muito difíceis de conseguir. A gente precisa mandar um pedido pelo correio, e pouquíssimas pessoas são escolhidas para receber. Daí a pessoa costura na mochila, num boné, no bolso ou em algum outro lugar que não seja óbvio, pois, como diz a Ruby: **“Um verdadeiro espião percebe as coisas que ninguém percebe”**. Meu distintivo está costurado por dentro do meu casaco, e quase não dá para notar. Mesmo assim, nem fico surpresa vendo que a Betty reparou nele – a Betty sempre percebe coisas que ninguém percebe.



* Distintivo mostrado em tamanho real.

Estou contente que a Betty voltou, pois preciso da ajuda dela para a minha série sobre uma agente secreta, que escrevi nas férias de verão. A personagem principal se chama Lili Gruber, ela tem uma cúmplice chamada Florence Antwater, e a frase que ela sempre repete é: **“Não olhe agora”** – por exemplo: **“Não olhe agora, mas tem gente por perto”** ou **“Não olhe agora, mas algum cretino acaba de roubar seu carro”**.

O problema é inventar uma virada para a história. A gente tem que bolar uma boa virada quando escreve histórias de detetive, mas nem sempre consegue. A Betty acha que nós devemos conversar com a Czarina, nossa professora de teatro. Provavelmente ela vai nos recomendar uns exercícios de improvisação, para ajudar a inspiração a chegar. Enquanto eu e a Betty pensamos no que vamos improvisar, resolvemos dar uma lida nos livros da Ruby Redfort. A Betty tem todos, e nós já lemos cada livro pelo menos três vezes. Mas agora saiu uma nova série: os Manuais da Ruby Redfort. A Betty tem o último, que acabou de sair nos Estados Unidos, chamado:

GUIA DE ESPIONAGEM DA RUBY REDFORT
— COMO SABER DAS COISAS
SIM SABER DAS COISAS.

Esse livro explica que existem muitas informações que as pessoas vivem deixando escapar, querendo ou não. Assim, a gente pode descobrir todo tipo de coisas, coisas que essas pessoas jamais iriam nos revelar por

vontade própria. Por exemplo, quando alguém está mentindo, costuma olhar para cima.

Então, a Ruby diz que a regra de ouro para a gente lembrar é: “Você precisa ler as entrelinhas”.



A Betty diz: “Ela *tem razão!* Por exemplo, quando uma pessoa fica piscando muito, será que ela está mandando um sinal para alguém? Ou está nervosa? Ou talvez ela tenha um tique?”

E eu digo: “Ou quem sabe só entrou *uma poeira* no olho?”

E a Betty: “*Exatamente!*”

Uma coisa que sempre me deixa chateada é quando alguém diz:

“Clarice Bean, você está ficando toda vermelha – está com vergonha?”

OU: “Clarice Bean, você está ficando toda vermelha – o que você andou aprontando?”

Mas ficar vermelha nem sempre quer dizer que a gente ficou com vergonha ou está aprontando alguma coisa. Às vezes, a pessoa simplesmente engoliu uma pastilha para tosse que ficou presa na garganta, e não consegue respirar.

E, às vezes, significa que você está pensando: “Ah, essa não, lá vem aquela pessoa que sempre me pergunta ‘Por que você está toda vermelha?’”, e isso deixa você furiosa – e toda vermelha.

Eu digo: “Betty, estou achando esse livro fascinante e excepcionalmente interessante e provavelmente utilíssimo”.

E a Betty: “Quer levar emprestado? Não estou precisando dele agora”.

“Tem certeza?”

“*Com certeza* eu tenho certeza!”

“Obrigada mesmo, Betty!”

A Betty é muito generosa, e ela tem na casa dela muitas coisas legais que eu gostaria de ter também, mas ela sempre me empresta e divide tudo comigo.

Depois que assistimos a cinco episódios da Ruby Redfort, inclusive o nosso favorito, chamado

Pode apostar, baby

resolvo ir para casa.

Estamos na porta e já vou me despedir quando a Betty me dá uma cotovelada e diz:

“*Não olhe agora, mas aí vai o Robert Sem Alça*”.

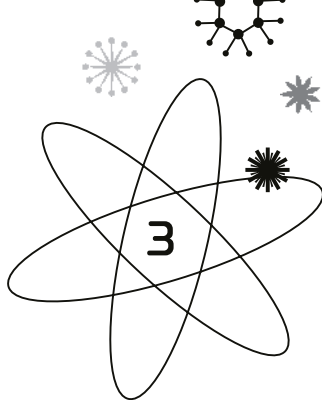
Ele mora do outro lado do muro do meu quintal e está sempre tentando falar comigo e sempre contando para os outros o que eu andei fazendo. Ainda bem que a Betty me avisou, porque, se ele tivesse me visto, eu teria que ir andando com ele até lá em casa. Isso me lembra algo que a Ruby Redfort sempre diz:

“*Todo espião precisa de um cúmplice*”.

No caminho para casa, percebo que a nossa televisão ter sido esmagada não é um problema tão grande assim.

Posso muito bem assistir TV na casa da Betty.

**Nunca coma
o fígado de um
urso-polar –
por mais que você
esteja com fome**



Volto para casa caminhando e folheando as páginas do **GUIA DE ESPIONAGEM**, e leio um capítulo chamado “O ROSTO HUMANO NUNCA PARA DE FALAR”.

A Ruby diz: “Seus olhos são a chave para abrir o cérebro de outra pessoa. Seu pior inimigo pode não dizer nem uma palavra, mas com certeza o rosto dele vai revelar tudo o que você quer saber”.

Chegando em casa, uso essa técnica com meu irmão Miguel, o Grilo Falante.

Funciona direitinho, parece mágica. Eu pergunto:

“Onde você escondeu as rosquinhas, seu peste?”

Ele diz: “Não vou contar!” – mas ao mesmo tempo olha de rabo de olho para a máquina de lavar e, no mesmo instante, eu sei onde elas estão.

Estão na minha mão em um milissegundo.

Ele pergunta: “Como você sabia?”

E eu: “Para mim, você é um *livro aberto, baby*”. É o tipo da coisa que a Ruby diria para o Hogtrotter, o arquivilão das histórias dela.

Mais tarde, subo para o quarto e vejo que a minha roupa de cama foi toda remexida – e tem uma minhoca de verdade, vivinha, no meu travesseiro.

Para me vingar, jogo o pijama do Miguel na privada e dou a descarga.

Isso causa outra enchente, que deixa minha mãe *ab-so-lu-ta-men-te* furiosa.

Daí o papai diz que não vem para casa nas próximas horas, porque o chefe dele, o seu Herculano, está obrigando ele a fazer hora extra.

A mamãe diz que a paciência dela está no fim, que já não aguenta mais essa casa e também não anda morrendo de amores por certas pessoas que moram aqui.

Márcia então vai preparar um banho de banheira para a mamãe – é algo que sempre deixa a mamãe mais calma.

Mas, infelizmente, a porta do banheiro também cai – possivelmente porque a gente vive dando murros nela.

Assim, as coisas pioram mais ainda.